



UNIRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE TEATRO

ISBN: 978-65-00-40058-8

XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

A PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
E OS NOVOS SUPORTES DA CENA

RAPHAEL CASSOU E CARIN LOURO
(ORGS.)



ISBN: 978-65-00-40058-8



TED

9 786500 400588

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

XX Colóquio do PPGAC/UNIRIO (20. : 2020 : on-line)
Anais do XX Colóquio do PPGAC/UNIRIO [livro
eletrônico] : a pós-graduação em artes e os novos
suportes da cena / Raphael Cassou e Carin Louro,
(orgs.). -- Rio de Janeiro, RJ : Raphael Cassou,
2020.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-40058-8

1. Artes cênicas - Brasil - Congressos I. Cassou,
Raphael. II. Louro, Carin. III. Título.

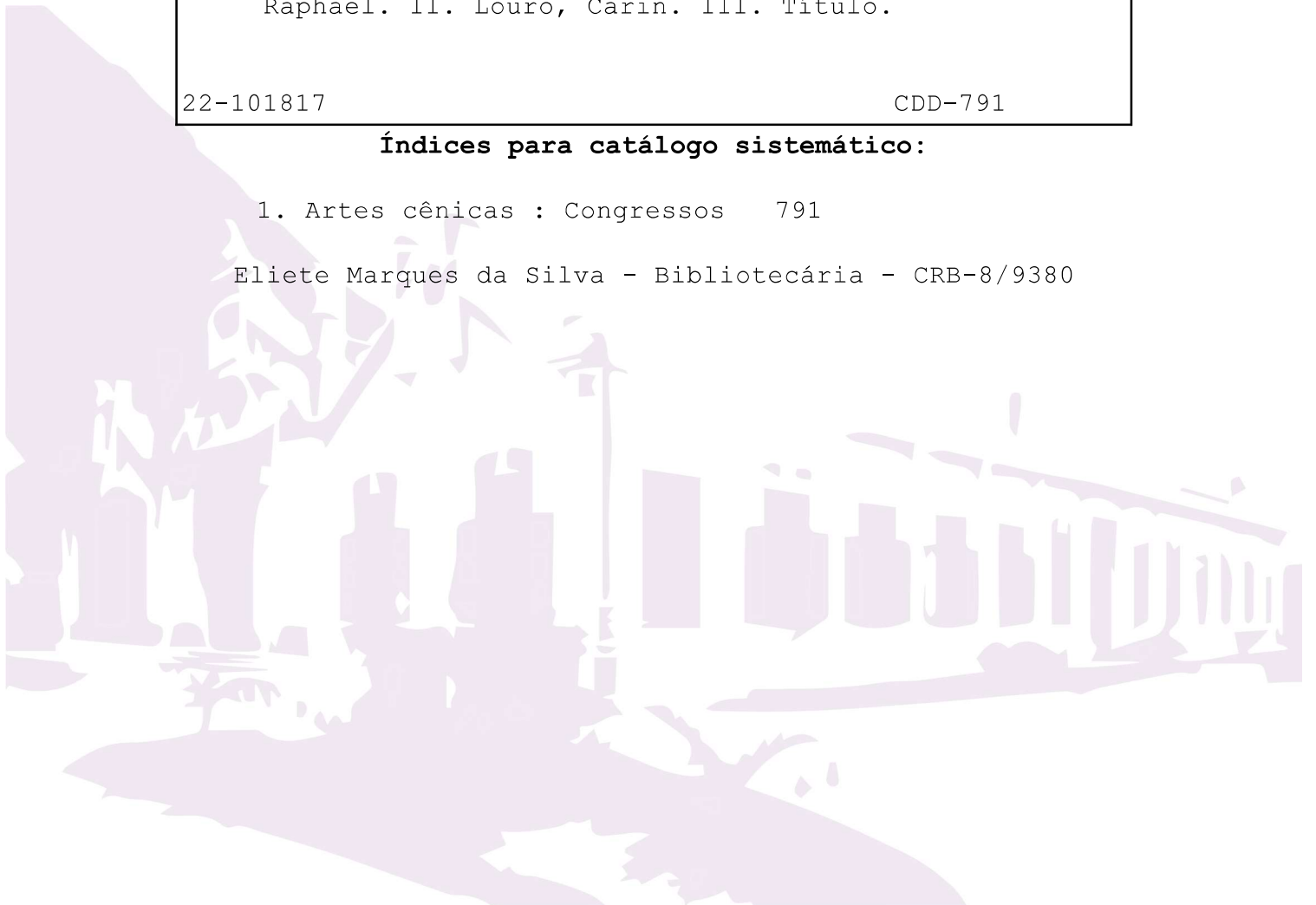
22-101817

CDD-791

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes cênicas : Congressos 791

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380





XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

ALICE, Tania; FARIA, Ivan; MOTTA, Gilson; LICONTI, Juliana et al¹. **Inventário de pandemias: escritas performativas na criação de tempos/ espaços possíveis.** PPGAC UNIRIO. Performances: Corpos, Imagens, Linguagens e Culturas – PCI. Práticas Performativas Contemporâneas. Grupo de pesquisa coordenado por Tania Alice (UNIRIO) e Gilson Motta (UFRJ). CNPQ. E-mail: experienciapsf@gmail.com

RESUMO

Este texto apresenta o resultado de uma escrita coletiva realizada por dezenove integrantes do grupo de pesquisa “Práticas Performativas Contemporâneas” (UNIRIO/UFRJ), seguido de breves apontamentos reflexivos sobre esse processo de criação. A escrita coletiva, proposta por dois componentes do grupo de pesquisa, foi realizada durante o período de pandemia da COVID-19, e se estruturou a partir do conceito de programa performativo proposto por Eleonora Fabião (FABIÃO, 2008). A escrita coletiva, enquanto pesquisa performativa, busca refletir acerca dos modos de criação e de ação performativa em um momento de crise. Por sua vez, essa escrita gerou discussões e questões (metodológicas, éticas, políticas e estéticas) que consideramos relevantes para os debates da arte contemporânea. Buscamos criar um “paraquedas colorido” (KRENAK, 2019) em tempos difíceis, além de tentar contribuir na composição de um painel de sobrevivências possíveis nesse momento histórico que vivemos da pandemia de COVID-19.

Palavras-Chave: Criação coletiva; Escrita performativa; Escrita Criativa; Programa performativo

ABSTRACT

This text is the result of a collective writing by nineteen members of the research group Práticas Performativas Contemporâneas (UNIRIO/UFRJ) followed by brief reflective notes about this creation process. Proposed by two members of the research group this collective writing was developed during the COVID-19 pandemic period and it was structured based on the concept of performative program proposed by Eleonora Fabião (FABIÃO, 2008). Collective writing, as a performative research, seeks to reflect on the modes of creation and performative action in a time of crisis. This writing opened up discussions and questions (methodological, ethical, political and aesthetic) that we consider relevant to contemporary art debates. We seek to create a “colorful parachute” (KRENAK, 2019) in difficult times in addition to trying to contribute to the composition of a panel of possible survivals in this historic moment that we live from the pandemic of COVID-19.

Keywords: Collective creation; Performative writing; Creative Writing; Performative program.

1 ALONSO, Verônica (UFF); AMADOR, Antonio G. (UFRJ); BAFFI, Diego E. (UNESPAR); BONFIM, Carolina (Université Libre de Bruxelles); ESTOLANO, Gabriela (IC/UNIRIO); MACHADO, Ana R. G.; MARYNOWER, Ian C. (UFRJ); MIGUEZ, Marcelo (UNIRIO); MORAIS, G. A (UFRJ); PAIXÃO, Fernanda (UNIRIO); PAULA, Gizelly (IC/UNIRIO); PENNA, A.P. (UNIRIO); REGO, Mariana S. (UNIRIO); SILVA, Bárbara C. S. S. (UNIRIO); SOUZA, Anderson J. C. S. (IC/UNIRIO).



XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

INVENTÁRIO DE PANDEMIAS: ESCRITAS PERFORMATIVAS NA CRIAÇÃO DE TEMPOS/ESPAÇOS POSSÍVEIS

Tania Alice
Ivan Faria
Gilson Motta
Juliana Liconti et al¹

INTRODUÇÃO

O Grupo de Pesquisa *Práticas Performativas Contemporâneas* (UNIRIO/UFRJ) traz para o XX Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UNIRIO um texto que é o resultado de uma experiência de escrita coletiva realizada por suas/seus integrantes. A iniciativa de escrita criativa partiu da Doutoranda Juliana Liconti e do Mestrando Ivan Faria (PPGAC/UNIRIO); o processo como um todo foi feito com a coordenação dos coordenadores do Grupo de Pesquisa “Práticas Performativas Contemporâneas”, a saber, os professores Tania Alice (UNIRIO) e Gilson Motta (UFRJ), que participaram, junto com a/os aluna/os pesquisadora/es, do processo final da escrita do artigo. É importante frisar que, durante o período da pandemia da COVID-19, o Grupo de Pesquisa realizou encontros regulares, discutindo questões metodológicas e conceituais, organizou LIVES com pesquisadores em performance como a Profa. Dra. Thaise Nardim, a artista e curadora Renata Sampaio ou a Profa. Dra. Denise Pereira Rachel, e realizou diversas experiências ligadas à produção artística de forma remota, como o espetáculo *Crescer pra Passarinho*, apresentado mais de 60 vezes durante a pandemia para profissionais de saúde que estavam na linha de frente de combate a pandemia, assim como também realizou essa experiência de escrita coletiva, a qual, inevitavelmente, reflete acerca do período da pandemia.

1 ALONSO, Verônica (UFF); AMADOR, Antonio G. (UFRJ); BAFFI, Diego E. (UNESPAR); BONFIM, Carolina (Université Libre de Bruxelles); ESTOLANO, Gabriela (IC/UNIRIO); MACHADO, Ana R. G.; MARYNOWER, Ian C. (UFRJ); MIGUEZ, Marcelo (UNIRIO); MORAIS, G. A (UFRJ); PAIXÃO, Fernanda (UNIRIO); PAULA, Gizelly (IC/UNIRIO); PENNA, A.P. (UNIRIO); REGO, Mariana S. (UNIRIO); SILVA, Bárbara C. S. S. (UNIRIO); SOUZA, Anderson J. C. S. (IC/UNIRIO).



XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

A escrita teve como base o conceito de programa performativo (FABIÃO, 2008), constituindo-se do seguinte modo: Definir individualmente um “quando-onde” (EUGENIO, 2019) significativo da sua própria experiência de quarentena: 1. Definir individualmente um “quando-onde” (EUGENIO, 2019) significativo da sua própria experiência de quarentena. 2. Sortear uma pessoa do grupo e enviar o seu “quando-onde”. 3. Receber um “quando-onde” sorteado e entrar em relação com ele para elaborar uma escrita de até 600 caracteres permeada por suas vivências pessoais e cênicas durante o período de isolamento social. 4. Sortear outra pessoa do grupo e enviar o seu texto 5. Receber o texto de uma terceira pessoa e propor interferências de modo a dialogar com o seu texto previamente escrito. 6. Sortear coletivamente a sequência dos fragmentos para compor a ordem da escrita. 7. Propor individualmente duas interferências no texto completo e, junto com o Grupo como um todo, elaborar uma introdução e uma conclusão.

O texto foi elaborado coletivamente pelos 19 integrantes do Grupo de Pesquisa que participaram da experiência. Inédita dentro do grupo de pesquisa, a experiência de escrita coletiva trouxe à tona algumas questões que, embora acompanhem a própria história da arte moderna, revelam-se ainda de relevância para o contexto artístico atual, tais como, as relações entre estética e ética (os limites éticos da intervenção no texto de outra pessoa, a responsabilidade pela produção textual de outra pessoa ou a produção textual como um todo), as relações entre o acaso e a criação coletiva, as metodologias de criação, a autoria e o apagamento do autor, a representatividade, a possibilidade da democratização dos fazeres mesmo com níveis de experiência diferenciados, entre outros. O texto criado coletivamente aponta para diversas visões e experiências individuais durante a pandemia, explorando limites entre poesia, relato, memória e invenção. Deste modo, o presente texto apresenta-se como uma pesquisa prática e teórica acerca dos modos de criação coletiva e de ação performativa, como um procedimento artístico-conceitual, contribuindo para a composição de um painel de registros desse momento histórico e traumático que estamos vivendo.



XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

INVENTÁRIO DE PANDEMIAS

Nascer do sol

05:53: segundo a previsão do tempo, lá fora o sol nasce. 04.10 do ano da pandemia: segundo as previsões, lá fora nasce um novo tempo. As cinzas do Pantanal e o hábito, porém, nublam a visão e nada se vê no horizonte. Há milênios nossa espécie aprende a lidar e a se acostumar com o diferente de modo a viver em grupos. Nem sempre funciona. Nós, humanos, chegamos até aqui por causa de você, de mim e de nossa capacidade de criarmos cultura para estarmos e agirmos juntos. A pandemia nos avança em sentido oposto. Uma (pré)visão anuncia o que está por vir: que arte surgirá?

Fevereiro, véspera de carnaval,

Véspera de quarentena, dentro do meu corpo

Foi em 2016 ou 2020, talvez. Estava com 5 semanas ou 5 pessoas, não lembro. Muitos blocos e purpurina nas ruas ofuscavam meus olhos e meus ouvidos. Tocava uma música que eu não lembro. No meio da multidão, ela se mexeu e eu vi o espaço e o tempo em suspensão. Eu a sentia no meu ventre, olhava-a por dentro de mim. Alivia estes olhos pra lá, dizia ela. Mas eu adoro o horror de olhá-la, é a única feição verdadeira da humanidade. Senti a força de um momento eterno. Mas a multidão aproveitou aquele vazio e tombou sobre mim. Preciso sair daqui, dizia eu. Fomos nos assimilando. Uma só pessoa somos nós

O que é necessário?

... atualmente recebo e envio cartas! Neste processo de intimidade comigo foi preciso "viajar no tempo: e visitar esse sistema de comunicação. Tudo começou quase como se fosse uma brincadeira em que ela disse assim: FIQUE VIVO! Isso fez mudança em mim. Nessa andança passei até a Ilha do Desterro, aqui dancei *certo* e vi minha janela antiga junto às janelas de quem me escreve. estou dentro e me sinto fora, buscando o que anima a alma e o equilíbrio do ficar... Nesse momento se fosse para escolher ser algo, seria árvore, enviando cartas em pedaços alados de mim: minha necessidade de ficar.



XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

Janela ao acordar, bebendo água.

TELEGRAMA FLÁVIO MIGLIACCIO. Domingo janela paisagem asfalto. Homem passeia cachorro grupo bicicleta. Amazônia Pantanal queimam. Sirene longe. Ontem aniversário Gal. Ela ficou. 150.198 se foram Covid. Carros rua. Acompanho fluxo. Vejo teatro online: O filho do presidente (Teatro Caminho RJ); Tudo que cabe numa VHS (Magiluth PE); A arte de encarar o medo (Satyros SP); Criança Ferida (Vinícius Bustani BA). Faço: Crescer para passarinho (Performers Sem Fronteiras RJ), Receitas para escapar do isolamento (quandonde PR). Estranho, mas bom. *Te extraño, cariño teatro*. Vida é curta. Se puder, venha ver.

Sentada na sala quando a mão for ao queixo

... gesto corriqueiro, automático, feito nas infinitas viagens do pensamento. Impediu-me de dar as costas a uma crise antiga: o controle. Aguardar que aconteça pela força do hábito, dar-se conta depois. Quando a ficha caía durante o movimento, instaurava-se um micro colapso, a mão titubeava. Gerir o paradoxo de ter o propósito de fazer algo que não pode ser controlado. A ilusão do controle construída pela incessante reiteração da rotina ruiu. Aprender a cada dia a acompanhar o fluxo enquanto ignoro as sandices de um desgoverno e danço em casa sem dever destruir tudo.

Cozinha – 1 hora da manhã

As pernas exaustas imploravam pelo devido (re)pouso, já os olhos ardiam para serem fechados, o estômago, no entanto, resmungava sobre um certo vazio que o tomava, enquanto que os pulmões rangiam protestando contra o calor enquanto o cérebro, perdido em seu lugar, sonhava pelo desligamento... Ainda assim, nenhum deles é tão perturbador quanto o coração que grita sem parar, descobrimos que ele é um órgão tão insuportável que se torna capaz de atrapalhar o funcionamento de seus vizinhos: na verdade somos um amontoado de órgãos submissos ao coração.

De madrugada, na janela, vendo a rua vazia.

Como cuidar da vida? Como enxergar o sol em tempos sombrios? Recém arrancadas pelos serviços da prefeitura, as plantas, vistas da janela, tentam rasgar o asfalto para voltarem a florir. *Crescer pra Passarinho – uma experiência de cuidados poéticos online* foi minha resposta à pandemia, uma tentativa de desenvolver poéticas dos cuidados em



XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

tempos de necropolítica. Uma equipe de atletas afetivos treinados para a reinvenção infinita de si, a exploração de uma linguagem nova e mais de 50 apresentações para profissionais de saúde e artistas. Uma produção de presença instável. "Pássaros criados em gaiolas acreditam que voar é uma doença.", escreve Jodorowsky. A saúde gerada pela escolha reiterada de ser artista nesse mundo é fruto desse desesperado e utópico desejo de voar.

Cozinha, fazendo almoço.

Minha pequena cozinha é recanto para orações. Entre uma refeição e outra, acendo uma vela próxima à janela e agradeço por ter sobrevivido mais um dia. Sigo assim, caminhando devagar. Tempo de vagar com vagar. Olho para o relógio parado e espero o ponto do arroz. Mais uma prece, me lembro de um pesadelo, mas dormi a noite inteira. Alegria! Alegria, Alegria. Digo em voz alta, e me tomo num sorriso. Foi num instante qualquer. Entendi que não sei bem fazer arroz, mas sou boa em strogonoff. Minha pequena cozinha é grande o bastante para questionamentos e medonha demais para ser frequentada à noite.

Noite. Rua deserta. Um vinho.

Voar dentro de casa é poético e, ao mesmo tempo, desolador. Nessa virtualidade atual, vejo-me como um fazedor de arte online em tempos de crise pandemoníaca. Há momentos nos quais sou uma pintura surrealista abrindo espaço para mundos diversos entre as paredes apertadas de um quadro e outros, nos quais me sinto um pássaro engaiolado olhando para o que a vida era, poderia ou poderá vir a ser. Gosto de pensar na palavra "resistência" como em uma "re-existência". E é sobre isso que escrevo: sobre arte em tempos de pandemia e sobre como criar nesses tempos, em que cada segunda consiste em nascer e morrer simultaneamente.

À noite, na cama, após conversar.

Na minha frente, apenas uma tela. De maneira geral, ela é branca. Se me demoro mais, suas cores vão multiplicando. Tem cinza de sujeira, têm riscos pretos de acidentes, tem azul que é a luz rebatida da almofada, que projeta a luz do quarto, e tem o amarelado do suor do meu corpo na tela, de quando sento na cama. Esse olhar é um modo de frequentar meu quarto, como João Cabral com sua pedra: "Uma educação pela pedra: por lições;/ para aprender da pedra, freqüentá-la" (MELO NETO, 2008, p.207). O que



XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

sinto falta é da educação aprendida pela frequência. Do ir e estar em um lugar. Com o lugar. Ah, se tivessem me ensinado a escutar o barulho das cores dos passarinhos!

À tarde, no quarto, deitada na cama.

“Covid-a: um segundo de dança por cada vida interrompida” é uma performance virtual, coletiva e duracional idealizada pela artista pernambucana Valéria Vicente, como uma ação do grupo de pesquisa “Cosmover: Dança em Perspectivas Pluriepistêmicas” da UFPB. O intuito foi honrar a memória de mais 100 mil vidas interrompidas em decorrência do covid-19, cinco meses após ser registrado o primeiro óbito no Brasil. “Pesares, um olhar”, uma das intervenções, consistiu na ação de acender mais de 50 velas e, entorno delas, nomes escritos em pequenas tiras de papel formando uma estrela.

À tarde no quarto, escrevendo.

Seria uma ação corriqueira com possibilidades abertas para: à tarde na biblioteca escrevendo, à tarde no parque escrevendo, à tarde na praia lendo. Ações para construção da minha pesquisa de mestrado em artes. O quarto se tornou a única opção viável a partir de março de 2020 com o anúncio do isolamento social que (vi)vemos por muitos meses. O quarto continua sendo o espaço de escrita seguro até hoje: outubro de 2020. Que dia é hoje? Que mês estamos? Neste mesmo mês a escrita se faz leitura para outros olhares. Performance relacional é o tema de mergulho e as relações se tecem através de cada palavra, cada vírgula,

De pé, em frente ao fogão com um cigarro aceso.

Era para ser apenas uma manhã banal, o hábito de todas as manhãs era como música clássica deslizando no meu corpo. O café na cafeteira, o fogo aceso, o calor vindo da fonte, a fumaça gasta de um cigarro e minhas ideias fixas no desejo de sentir o cheiro do café. Às 8:28 eu levava o cigarro à boca mesmo sabendo que minha sede não era de nicotina – precisava de café. Mas um dia, no mês de março do presente ano, o cheiro do café não veio... Mas a espera sem fim pelo café, sem cheiro, e o cigarro, sem vontade, me fez perceber a fragilidade dos hábitos: eu não existia mais. Não veio! Meu coração acelerou: o tempo parou?



XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

Sentada na escada, no final da tarde.

Crescer pra Passarinho (a peça virtual que faço) é voar em um cenário de muitas janelas, cada um do seu lado de dentro. A solidão do meu quarto encontra outras solidões. Pode um abraço atravessar a tela? Vi outras peças virtuais: *Ser José Leonilson*, *Laerte Késsimos* – SP; *Peça*, *Marat Descartes* – SP; *Espigão*, *Gabriel Moraes* – RJ. Arte para subverter a lógica dos sentidos: “Por que não caminhar com a cabeça, cantar com o sinus, ver com a pele, respirar com o ventre, [...] *Corpo pleno*, *Viagem imóvel*, *Anorexia*, *Visão cutânea*, *Yoga*, *Krishna*, *Love*, *Experimentação*” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.10).

Deitada no chão, qualquer horário, fazendo cafuné em um ser.

Uma mala para passar duas semanas na casa dos pais - era tudo o que eu tinha, mas o isolamento durou mais de cinco meses. No dia em que decidi sair de casa e ir para um lugar seguro, não imaginava que faria teatro online, então eu só tinha algumas roupas e utensílios pessoais. O grupo combinava cenários, figurinos, e eu não conseguia achar nem um lápis de cor onde eu estava. Fiquei muito frustrada, mas tentei assim mesmo. Aquele projeto online era a única coisa que me restava de aproximação com a profissão que eu escolhi seguir, foi o que me deixou viva nesses dias de quarentena.

De manhã na cozinha.

“(...) talvez o que a gente tenha de fazer é descobrir um paraquedas. Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos”, conselhos de Ailton Krenak em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019). Maio de 2020, após apresentarmos o web-espetáculo *Crescer pra passarinho* exclusivamente à técnica em enfermagem Iara Oliveira recebemos uma mensagem em que dizia: “(...) Vocês me fizeram por minutos esquecer de tudo que estamos vivendo nesses tempos de muita preocupação e medo.” Que nossos paraquedas coloridos nos façam viver, mesmo que só por minutos, novos mundos possíveis.

Escolha uma refeição para fazer de olhos fechados.

Grave áudios entre as bocadas até terminar o alimento. Transcreva.

O céu entrou dentro de casa. Dia e noite passaram a ser companhias e a prova de que a vida está passando. De repente, o maior céu é o da boca, por onde o vírus pode



XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

entrar ou sair. A boca abre, fecha, abre, fecha. Ri ou representa o sorriso? Dizem que temos que ficar com a boca fechada, é só uma questão de educação. Mas o céu precisa respirar. Quando ela respira, muda o sabor. Às vezes tem sabor de sangue. O sangue da ferida que se abriu, não se sabe como, nem por que. A gente nunca sabe exatamente. As feridas abrem e só.

Sala de hospital, em um fim de tarde.

Um respiro. Uma pausa. Você já parou hoje? É preciso parar. Às vezes, não é necessário lutar bravamente. Pausa. Um respiro. Fazer com que o ar circule pelos corpos tem sido questão de sobrevivência. É preciso criar vazios dentro e fora da gente. E voltar a respirar coletivamente, sem máscaras. Respirar como ato vital, reflexivo, primogênito. Respirar o ar da floresta, respirar depois de estar embaixo d'água, respirar enquanto chora, respirar antes de assoprar, respirar o escapamento de um caminhão. Respirar e cantar, respirar e dançar, respirar e gargalhar, respirar e correr, respirar e transar. Olhar, reparar tudo em volta com a intenção única de ser poesia. Respirar. Respirar como uma folha, respirar como uma onça, respirar como um prédio alto. Respirar com todas as células, respirar com profundidade, respirar com a mão na cara. Respirar. Respiração sincronizada, descontrolada, agitada, esbaforida, sem ar. Respirar em solidão ou em companhia. Inspira. Pausa. Eu, aqui, sorrio para você, que está ali, do outro lado, você olha. Expira. De repente, aqui e ali não fazem mais sentido. E estamos lado a lado, imaginando um novo modo de aglomerar e respirar juntos.

Não pare. O que você acha de respirarmos juntos hoje?

Não pare. Um alento.

É preciso.

Pausa.

CONCLUSÃO

O procedimento de escrita coletiva levantou inúmeras questões que, embora interdependentes e inter-relacionadas, podem ser organizadas em ordens diversas, à guisa de uma melhor compreensão:



XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

1. Metodológicas: "Como gerar um entendimento coletivo a partir de um programa performativo determinado?"; "Como entender a margem de liberdade entre programa performativo e desvios?"; "Como operar a escrita coletiva de modo a garantir a pluralidade das vozes e a autonomia das pessoas envolvidas?"; "Como inventar uma metodologia capaz de fomentar e registrar o prazer e a alegria de estarmos vivos em diversidade?"; "Como apresentar um trabalho coletivo fundado numa escrita performativa num evento acadêmico?";
2. Éticas: "Estamos mesmo representando o grupo de pesquisa?"; "Em caso de resultado insatisfatório final, quem assume a responsabilidade pelo texto?"; "Quem é responsabilizado pela representatividade do Grupo?"; "Como podemos inventar uma metodologia capaz de fomentar e registrar o prazer e a alegria de estarmos vivos e em diversidade?"; "Qual o limite da intervenção no texto alheio?"; "Como proceder quando as regras do jogo performativo, previamente estabelecidas, são desrespeitadas?";
3. Políticas: "É possível manter o fluxo de um processo sem uma liderança?"; "Como integrar as diferenças e contradições sem apagá-las?"; "Existem produções textuais coletivas sem níveis de hierarquia?"; "Quais são os níveis de engajamento em termos de tempo, dedicação, trabalho de cada um?";
4. Estéticas. "Como preservar e evidenciar - no texto final - o elemento casual, constitutivo da escrita performativa, evitando a tendência a querer atribuir um novo sentido ou uma unicidade ao texto?"; "Como lidar com a relação entre a autoria - dada pela dimensão subjetiva da escrita - e o apagamento da própria autoria a partir da interferência do coletivo?";

Essas perguntas renderam inúmeras discussões, controversas, alegrias, memes de *Whatsapp* de todos os tipos, gargalhadas, mas também atritos, principalmente devidos ao tempo ainda mais restrito que cada pesquisador/a possui neste período de pandemia, onde as demandas profissionais e pessoais crescem incessantemente e a crise social, econômica e sanitária que estamos passando gera demandas imprevisíveis a cada dia.

O resultado se apresenta como um espelho deste período: por vezes carregado de



XX

COLÓQUIO

DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - PPGAC/ UNIRIO

poesia e aprendizados, por vezes incompleto, fragmentado, carregando em si mesmo a falta que o distanciamento social e os encontros mediados por aparelhos eletrônicos carregam. Assim sendo, o texto não se coloca como uma escrita representativa do Grupo em termos de excelência acadêmica ou de aprimoramento de procedimentos metodológicos. Ele se coloca como uma tentativa de invenção de um “paraquedas colorido” (KRENAK) neste mundo onde falta oxigênio, para que, apesar do peso das circunstâncias atuais, possamos, junta/os, cuidar da vida, continuar experimentando, fazendo erros e acertos e assim, aos poucos, como diz Manoel de Barros, crescer pra passarinho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

EUGENIO, Fernanda. **Caixa-Livro**. Rio de Janeiro: Fada Inflada, 2019.

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas de uma cena contemporânea. **Sala Preta**, São Paulo, v. 8, p. 235-246, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v8i0p235-246>. Acesso em: 13 mar. 2014.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.